



## SENTIMENTOS DE UM MUNDO *FRONTERIZO*: resenha da trilogia (des)poética de Edgar Cézar Nolasco

**Pedro Henrique Alves de Medeiros<sup>1</sup> & Dênis Angelo Ferraz<sup>2</sup>**

Com grande honra e respeito, ao nosso mestre, orientador e (bom) amigo (político) Edgar Cézar Nolasco

Nasci e vivi na fronteira-sul – mais precisamente na Fazenda Revolta, no Porto Cambira,

à beira do rio Dourados – até os nove anos. Depois fui para a cidade grande estudar. Herdei da fronteira esse jeito gutural de cumprimentar as pessoas, mais esse ar melancólico, assim como o gosto por comer carne de boi com mandioca, além de tomar mate e beber café. Tudo isso é herança bugresca fronteiriça. [...] Quando fui estudar longe, em Belo Horizonte, uma professora falou assim: ele é lá da terra de gente brava. Nem sabia disso. Além do sentimento aprazível que posso oferecer da fronteira, ofereço também o seu outro lado: minha fronteira é porosa, traiçoeira e pantanosa. NOLASCO. *Pântano*, p, 57.

Todo mundo escreve o seu poema, de modo que também quero escrever o meu.

---

<sup>1</sup> Pedro Henrique Alves de Medeiros é Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) pela UFMS e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). E-mail: [pedro\\_alvesdemedeiros@hotmail.com](mailto:pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com).

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Letras Habilitação em Português/Espanhol pela UFMS; PIVIC/UFMS e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). E-mail: [denisferraz\\_une@hotmail.com](mailto:denisferraz_une@hotmail.com).

Está cada vez mais difícil compor um poema a essa altura da evolução tecnológica. A poesia grassa por todos os lados. E a desgraça também. Mas não sobrevivi para chorar o leite derramado.

O grande poeta melancólico e triste e de ferro morreu na década de 80 do século XX.

Meu canto é como o do urutau que é deserdado e só canta da fronteira um canto que ninguém escuta e se o escutasse não entenderia.

A subalternidade derrama seu manto sanguinolento dentro da escuridão do mundo civilizado. Ocorre um brilho, como a um campo noturno distante em línguas de fogo sobre o pântano, que não deixa de lembrar uma certa nostalgia a uma aura da fronteira. NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 51.

Escrevo um livro no qual eu vou me desbiografando do começo ao fim, tal qual um bugre andariegos da fronteira-sul que vai deixando seus andrajos e despojos e pegadas ao atravessar o pântano da Revolta, quando a tarde declina para a melancolia. NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 26.

A presente resenha emerge, como condição *sine qua non*, a partir de uma premissa descolonial imbricada pela perspectiva *outra* de que *tudo isso é herança bugresca fronteiriça*<sup>3</sup>, tal qual conclamado em uma das epígrafes apostas. No bojo desse *tudo isso*, apregoa-se a abertura do arquivo dotado de sensibilidades biográficas e locais do (des) ou (anti)poeta sul-fronteiriço Edgar Cézár Nolasco atravessado pelo sentimento de um mundo *fronterizo*, à la, de maneira semelhante e altamente diferente, Carlos Drummond de Andrade com sua poética brasileira do cotidiano. No pluriverso de Drummond, o sentimento de mundo de Nolasco não só descortina uma (des)poética do cotidiano sul-*fronterizo*, endossado pelas vísceras sanguinolentas de um portunhol selvagem, como, *pari passu*, transporta à praça pública seu corpo *desnudado* de homem-fronteira, filho, servidor público, professor universitário, *anthropos* e habitante da exterioridade das disciplinas territorialistas ocidentais, da poética clássica e, sobremaneira, da *episteme* moderna.

Nesse íterim, essa resenha, de caráter quase ensaísta, busca deslindar as vicissitudes de um projeto (des)poético *outro* que se roça, simbioticamente, com uma teorização descolonial ou, para utilizar uma terminologia do próprio

---

<sup>3</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 57.

(des)poeta, de cunho crítico biográfico fronteiriço. À vista disso, valeremo-nos da trilogia (des)poética de Nolasco composta pelas obras *Pântano* (2014), *Oráculo da fronteira* (2018) e *A ignorância da revolta* (2019) para ilustrar nossas assertivas críticas, também, (des)poéticas, uma vez que, assim como Nolasco, somos pesquisadores sul-fronteiriços que (sobre)vivem, pensam, existem e produzem a partir dos trópicos, das margens e das periferias do mundo, lugar esse onde ainda grassam as opressões, assimetrias de poder e deslegitimações das literaturas, artes e saberes não-modernos em detrimento à supremacia dos ditos universais. À maneira que Nolasco explicita em uma das epígrafes reproduzidas acima, seu canto (des)poético *é como o canto do urutau que é deserdado e só canta da fronteira um canto que ninguém escuta e se o escutasse não entenderia*<sup>4</sup>.

Assim sendo, compreendemos que o (des)poeta angariou não só em sua (anti)poíesis como, sobremaneira, em seu trabalho teórico de viés descolonial e biográfico, *aprender a desaprender*<sup>5</sup> a poíesis clássica, herdeira dos legados greco-latinos europeus ocidentais, para se voltar à herança *fronteriza* que lhe compete enquanto homem-fronteira que (sobre)vive, existe, pensa e escre(vi)ve à luz de uma condição *outra*, aposta na borda da exterioridade. Desse viés, ao *aprender a desaprender*<sup>6</sup> a poíesis clássica, Nolasco funda, no seio crepuscular e sanguinolento da fronteira-sul, uma (des)(anti)poética, ou melhor, uma *teorização (des)poética*, haja vista a condição epistemológica que abaliza todos os poemas presentes em sua trilogia composta por pântanos, oráculos, urutaus, deuses subalternos, escritores eleitos, funcionalismo público, particularidades familiares, ignorâncias, Revolta(s), incertezas, faltas, ausências, lacunas, presenças, biografias, memórias, arquivos, objetos pessoais, ficções, balbucios, cidades, travessias, abandonos, dentre muitos outros temas arraigados em seu *bios fronterizo*. Dessa feita, antes de adentrarmos as idiossincrasias (des)poéticas do escritor em questão, evocamos um fragmento do ensaio “Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia) (2015), também do referido autor, por entendermos que esta citação é passível de explicitar o preâmbulo crítico *outro*

---

<sup>4</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 51.

<sup>5</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 305.

<sup>6</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 305.

cujas (des)poesias de Nolasco se nutrem para escre(vi)ver o espaço biográfico-local da fronteira-sul:

A denominação CRÍTICA BIOGRÁFICA FRONTEIRIÇA merece uma nota explicativa. Em meu livro *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013), como mostra o título, já me detinha acerca de uma crítica fronteiriça. Todavia, ali eu ainda me valia mais da rubrica pós-colonial ou pós-ocidental como forma de atender melhor aos postulados teóricos empregados. Não abri mão de tais teorias, muito pelo contrário. Mas entendo, agora, que elas se voltavam muito mais para uma América Latina como um todo e que, ao seu modo, continua a excluir o Brasil ou, quando não, este vinha meio a reboque. *Na tentativa de resolver em parte isso que me incomodava, fechei um pouco mais o recorte epistemológico e, em contrapartida, como ganho teórico na discussão que proponho agora, aproximei-me mais do meu bios e do meu lócus, posto que a fronteira-sul daqui de onde penso é tão real quanto epistemológica.*<sup>7</sup>

À guisa do trecho exposto, em específico, no período grifado por nós, entrevemos a gênese não apenas das reflexões epistemológicas de Nolasco em seu trabalho intelectual crítico-biográfico fronteiriço, mas, para além disso, o entremear de uma teorização descolonial em sua (des)poética projetada à revelia e ao pluriverso do fazer poético clássico envolto por *belle lettres*, rimas milimetricamente construídas e, em especial, destituído, muitas vezes, da organicidade dos corpos e das sensibilidades biográficas-locais humanas, sobremaneira, quando essas habitam *loci* extrínsecos aos grandes centros globais (Europa e Estados Unidos) ou nacionais (São Paulo e Rio de Janeiro). Na contracorrente da literatura, poesia e saberes clássicos/modernos, Nolasco enuncia já no primeiro poema de *Pântano*, intitulado “Penso, logo existo”, “Nasci na fronteira-Sul; logo penso dela”<sup>8</sup>. Da nossa óptica, não é à toa ou coincidência que o poema mencionado seja o primeiro da trilogia, pelo contrário, ele se configura enquanto o fio condutor de todas as outras (des)poesias que se seguirão não apenas em *Pântano*, como, também, em *Oráculo da fronteira* e em *A ignorância da revolta*, dado que, do ponto de vista *outro* o qual nos abalizamos para falar, pensar de onde se vive incute uma diferença latente no exercício de escre(vi)ver, sobremaneira, no tocante às vidas assujeitadas às exterioridades.

240

---

<sup>7</sup> NOLASCO. *Crítica biográfica fronteiriça* (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 47, grifos nossos.

<sup>8</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 11.

No plasmar geral das (des)poesias de Nolasco, ademais à premissa local explicitada no parágrafo anterior pelo poema “Penso, logo existo” em que há referência, pelo pluriverso descolonial, ao filósofo europeu René Descartes e seu *cogito* moderno, o escritor sul-fronteiriço se nutre, ainda, de uma tríade conceitual-teórico-temática para fomentar seus escritos. Essa tríade se configura enquanto uma teorização crítica biográfica fronteiriça/descolonial + (auto)reflexão (anti)(des)poética + abertura de um arquivo biográfico endossado por um lócus, geoistórico-epistemológico, sul-fronteiriço corroborando, dessa maneira, os escritos (des)poéticos gestados e tracejados na trilogia em questão. Diante disso, tomaremos por base essa tríade para encorajar nossas reflexões a fim de pensar essa produção *outra* e reflexiva sobre sua própria gestação *bios-local-descolonizada* por vias do exercício de apropriar-se das suas diferenças coloniais as trazendo à público, *desnudadas*, e dotadas de um sentimento e sensibilidade de mundo *fronterizos* por excelência. No prisma dessa *teorização (des)poética*, trazemos à baila o poema “Epistemologia *fronteriza*” (*Pântano*) de Nolasco somado ao ponto fulcral das epistemologias do Sul debatidas por Boaventura de Sousa Santos:

Nasci na fronteira-Sul;  
Cresci na fronteira-Sul;  
Partida da fronteira-sul.  
Trouxe a fronteira-Sul dentro de mim:  
– Um grande sertão epistemológico.  
Aprendi a desaprender a cor sanguinolenta da fronteira.<sup>9</sup>  
Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações:  
aprender que existe o Sul;  
aprender a ir para o Sul;  
aprender a partir do Sul e com o Sul.<sup>10</sup>

De maneira que ambos os textos se prefiguram quase como partes integrantes de um mesmo todo, denota-se que Nolasco evoca à última potência a prática epistemológica para sustentar o seio crítico-teórico descolonial de seus (des)poemas. *Aprendendo a desaprender*, o (des)poeta traz à tona em seu gesto escreviente sul-fronteiriço a compreensão de que não basta viver em/entre/nas fronteiras para se pensar de modo fronteiriço. Pelo contrário, é necessário trazer dentro de si sua condição de fronteiridade, *seu grande sertão epistemológico*, ao

---

<sup>9</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 13.

<sup>10</sup> SANTOS *apud* MENESES; SANTOS. Introdução, p. 15.

passo que, de forma complementar, desenhe-se um exercício e uma prática de (auto)reflexão coadunados às orientações do Sul, geoistórico-epistêmico, de aprender que esse espaço existe, além de ir até ele aprendendo a partir dele e com ele, tal qual Santos pontua. Tomado por essa premissa *outra*, à revelia do *cogito* cartesiano em que se é condição pensar para existir, Nolasco afere uma cisão na filosofia moderna aquilatando que é necessário existir *a partir* de algum lugar para pensar e, por extensão, produzir artes, literaturas e saberes. Em específico, sob a égide dessa premissa, o (des)poeta descortina as vicissitudes do seu *sertão epistemológico* em “Fronteira-Sul” (*Pântano*) e, a ele, colocamos vis-à-vis “Um modo poético” (*Pântano*) para sustentar uma leitura (anti)poética de perspectiva *sul-fronteriza*:

É também território geográfico.  
Lugar sem lei, fora da lei.  
Lugar que faz suas próprias leis.  
Sem lados. Zona da ilegalidade e do contrabando.  
Lugar onde sujeitos *oprimidos pero no vencidos* trabalham.  
Lugar abissal e biográfico onde canta o urutau.<sup>11</sup>  
Uma poética *fronteriza* propõe saberes e ignorâncias outras  
que rompem a cerca de arame farpado  
dos latifundiários do poder e do saber advindo  
do discurso acadêmico e disciplinar,  
passando pelo estado e vice-versa.<sup>12</sup>

242

Aportados nos (des)poemas acima reproduzidos, compreendemos, por vias de suas gêneses corpo-biográfico-fronteiriças somadas à relação intertextual com o livro da intelectual boliviana Silvia Riviera Cusicanqui, que Nolasco se reveste dos gritos (des)coloniais dos *oprimidos pero no vencidos*, incluindo a sua própria voz *sul-fronteriza* subalterna, projetados à luz dos lugares abissais a partir dos quais os si-mesmos, *humanitas*, pelo crivo assimétrico das diferenças coloniais, revestidas de diferenças culturais, ainda insistem em oprimir, rechaçar, silenciar e apagar as produções não-modernas atravessadas por sensibilidades biográficas e locais *outras* erigidas das exterioridades do planeta. Arraigado a isso, uma (des)poética *fronteriza*, como a de Nolasco, não poderia fazer outra coisa senão trazer à escuta e a público os saberes, sensibilidades, vozes, ignorâncias e revoltas

---

<sup>11</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 17, grifos do autor.

<sup>12</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 19.

*outras* daqueles que foram transfigurados nesses próprios outros (bárbaros, selvagens, indígenas, periféricos, terceiro-mundistas, *anthropos*, ignorantes etc.) pelos si-mesmos (homens brancos, europeus, academicistas, disciplinares, territorialistas, latifundiários, Estadistas, *humanitas* etc.). Para além de querer *dar voz* a alguém – uma vez que ninguém dá voz a ninguém – Nolasco, metaforicamente, coloca os cinco dedos na ferida colonial latino-brasileira-sul-fronteiriça apregoando um grito de liberdade descolonial a si mesmo e aos seus, *oprimidos pero no vencidos*, pois, como ele mesmo assente em “Quando a poesia é dispensável”, “Tudo o que a mais alta poesia podia / emprestar à imagem do homem do pântano / – vi nele de sobra”<sup>13</sup>. Nesse ínterim, vejamos o (des)poema “Poética bugresca” em *Pântano*:

Ganhei de uma amiga e discípula um *Bugrinho* da artista indígena e popular Conceição dos Bugres e o trago comigo, no dia a dia, depositado em minha escrivaninha de trabalho. De tanto me pegar olhando para ele ali, à minha frente, pensei em voz alta o que se segue: Meus *Bugres sou eu*, poderia ter dito Conceição. E se o disse, de nada adiantou, pois o estado e uma estética moderna que grassa na fronteira fizeram ouvidos moucos à sua *boutade* bugresca. [...] Há uma história pessoal inscrita nos vincos de seu corpo totêmico. Posso até compreender e dissertar sobre sua condição subalterna, mas reconheço que jamais me poderei por em sua condição de sujeito subalterno. Capto, por meio de meu olhar de observador, suas sensibilidades biográficas, e chego perto de uma compreensão de sua condição ameríndia. [...] vejo que seu corpo amalgama memórias e histórias locais das quais nenhuma estética moderna poderá contemplar. Acabo ensaiando uma teorização poética que ao fim e ao cabo me diz de minha específica condição e vida. [...] ele acaba por me ensinar a *aprender a desaprender* a razão moderna e, em troca, me permite alcançar sua poética bugresca advinda de nossa fronteira-Sul. Por meio de sua poética bugresca, posso exumar memórias, reinventar histórias locais e revelar identidades escondidas por trás da leitura moderna equivocada que foi feita dos próprios *Bugres* [...]

Deixo aqui não meu protesto, mas meu descontentamento diante de uma *poética outra* que fora *encoberta* pela poética moderna, para melhor satisfazer o coro universal de uma estética dos contentes.<sup>14</sup>

*Meus Bugres sou eu*, conclama Nolasco sob a pluma da artista Conceição dos Bugres, na esteira dessa assertiva, entendemos que a fronteira-sul e suas

---

<sup>13</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 69.

<sup>14</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 31, grifos do autor.

vicissitudes locais são, também, seu (des)poeta *fronterizo*. Mais uma vez endossado pelas grafias epistemológicas da crítica biográfica fronteiriça, o escritor evoca, em suas entre linhas (anti)poéticas, as reflexões de Walter Mignolo para assegurar o lugar colonial que o Estado e a estética moderna ocupam em relação às produções dos *anthropos*. Esses, por sua vez, afora do binômio sujeito/objeto, revestem-se de suas próprias sensibilidades locais e biográficas para pensar, amalgamar e aquilatar suas produções artísticas, literárias e epistemológicas. Diante dessa perspectiva (des)poética-descolonial, Nolasco gesta o que ele mesmo denota de *uma teorização poética*<sup>15</sup> que acaba por descortinar as próprias especificidades e condições de sua vida da/na fronteira-sul em estado contínuo de *aprender a desaprender* as poéticas e as teorias modernas que aqui se aportaram sem mesmo passarem pelo mísero processo de transculturação e/ou tradução conceitual.

*Aprendendo a desaprender*, o (des)poeta desenterra as diferenças coloniais e suas memórias *bios*-locais reinventando histórias locais antes silenciadas pela colonialidade do poder imperante no trópicos latino-brasileiros pela salvaguarda das *equivocadas leituras modernas aqui realizadas, em especial, dos Bugres de Conceição*<sup>16</sup>. Pelo reverso do que muitos escritores, intelectuais e pesquisadores brasileiros continuam fazendo à exaustão, Nolasco, ao optar por uma desobediência epistêmica e opção descolonial, não angaria *satisfazer o coro universal das estéticas dos contentes*<sup>17</sup>, mas, sim, descolonizá-las como forma de prezar por *todas* as vidas que aqui (sobre)vivem e re-existem. Ainda no tocante à prática de (auto)reflexidade, em “A poesia” e “A inexistência da poesia”, ambos publicados na obra *Pântano*, o (des)poeta assevera:

Devo confessar, a se alguém interessar possa, que o fazer poético em mim não advém apenas do lado bom das coisas e de mim enquanto alguém que se predispôs a fazer poesia, nem muito menos apenas de belas palavras. Essas, para ser bem sincero, raramente me servem para alguma coisa. De belas palavras o inferno está cheio. O fazer poético em mim advém também de meu lado sombrio, pantanoso, da quizaça mesma da alma humana. [...] Cansei. Um homem cansado e responsável por seus impostos e deveres de cidadão comum é um perigo iminente. Tive vontade de

---

<sup>15</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 31.

<sup>16</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 31.

<sup>17</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 31.

fugir para a fronteira. Vi-me refugiado no deserto. Ateei fogo em toda minha biblioteca antes de mudar radicalmente de vida. Pensei que se toda aquela homilia não resultasse em um poema, de nada teria me adiantado ter lido e acreditado no que acreditei a minha vida inteira. E que alguém ouse me contrariar. Escrever um poema é ir à desforra consigo mesmo. Alguém aí para me desmentir?<sup>18</sup>

Escrevo uma poesia inexistente, posto que a poesia da fronteira não existe enquanto uma *forma* poética relevante ou mesmo compreensível. A razão poética não alcançou o outro lado da fronteira e, por não saber ver, leu o visível no invisível, o fora da lei na Lei, o apoético no poético. As experiências desperdiçadas e invisíveis do outro lado da fronteira não foram percebidas por uma poética vinda de longe. A zona colonial da fronteira produz uma poética ignorante e incompreensível ao olhar imperial de uma poética e estéticas modernas.

A fronteira tem poetas, sim, e produz uma *sub*-poesia atravessada pela Natureza local ignorada e rejeitada e exprobrada e massacrada e descartada e universalizada. Aí o pântano e seus saberes ecológicos não existem para a poesia.<sup>19</sup>

Dados os fragmentos citados, Nolasco, tomado pela condição de fronteiridade e de desobediência epistêmica que o permeia, busca deslindar em seus escritos (des)poéticos não apenas o *lado bom das coisas* e da poesia, e, sim, verdades que se presentificam por vias de sua óptica de homem-fronteira aposto no fora criado pelo dentro. À maneira que expõe em um dos trechos acima, *de belas palavras o inferno está cheio*. Lido de outra forma, denotamos que é das *belle lettres* e da *episteme* moderna que o inferno está cheio, dado o caráter sanguinolento e assimétrico de poder que as sustenta há séculos. Rimas milimetricamente elaboradas e belas palavras não servem ao fazer (des)poético de Nolasco, o escritor se nutre do caráter sombrio e pantanoso abalizados tanto em sua fronteira-sul quanto, primordialmente, em sua condição de *ser* humano. Frente ao lado obscuro da alma humana, o escritor busca refúgio justamente em sua fronteira-sul, ou melhor dizendo, em sua condição *fronteriza* de adentrar o mundo, os saberes, as artes e as literaturas.

À semelhança do poeta corumbaense Lobivar Matos e tomando por uma consciência crítica *outra* da colonialidade do poder que impera nos trópicos, Nolasco entrevê em sua (des)poética *fronteriza* uma condição de inexistência, haja vista que os saberes fronteiriços, pela óptica moderno-ocidental, *não existe*

---

<sup>18</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 63.

<sup>19</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 87, grifos do autor.

*enquanto uma forma poética relevante ou mesmo compreensível*<sup>20</sup>. Quando da tentativa de entendê-la, em geral, os intelectuais academicistas, relegados às quatro paredes da universidade disciplinar e territorialista, aferem à ela um olhar tomado por exotismo, barbárie e selvageria desconsiderando suas particularidades biográficas e locais que, queiram os modernos ou não, são tão necessárias e relevante quanto àquelas oriundas de *loci* centrais e globais. Ainda nesse intento, Nolasco prefigura a consciência *outra* das linhas abissais incutidas nas produções não-modernas deslindando que a *razão poética fronteriza*<sup>21</sup> não alcançou o outro lado da fronteira, isso é, os centros, e, por isso, os analistas de plantão *leram o visível no invisível, o fora da lei na Lei, o apoético no poético*<sup>22</sup>. Assim, na esteira, mais uma vez de Boaventura de Sousa Santos, o (anti)poeta traz à voga o desperdício de experiências por parte do pensamento abissal para com as produções vindas de longe fazendo com que *a zona colonial da fronteira produzisse, por intermédio do olhar colonial-imperialista, uma poética ignorante e incompreensível*<sup>23</sup>.

No bojo do crítico sul-fronteiriço Marcos Antônio Bessa-Oliveira por vias do conceito de *aisthesis (bio)descolonial* entendida enquanto “[...] sensibilidade biogeográfica; aisthesis como episteme.”<sup>24</sup>, pontuamos o aspecto não-estético endossado nas (anti)poesias de Nolasco. Pelo reverso do feito séculos a fio pelas *belle lettres*, o poeta sul-fronteiriço se afasta do ideia de estética moderna colonial para se nutrir de uma sensibilidade de mundo *outra* em relação ao seu próprio lócus de experiência e de enunciação descortinando paisagens *biogeográficas* e sinestésias não compreendidas pela estética em vigor nas universidades, inclusive, brasileiras. Em consonância ao posicionamento crítico de Nolasco, a *aisthesis (bio)descolonial* implica uma *opção por aprender a desaprender o aprendido e voltar a aprender à luz de modus operandi e vivendi outros*, não-modernos, justamente com as exterioridades do mundo, a exemplo, a fronteira-sul da qual

---

<sup>20</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 87.

<sup>21</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 87.

<sup>22</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 87.

<sup>23</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 87.

<sup>24</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Fronteira, biografia – biogeografias – como episteme descolonial para (trans)bordar corpos em artes da cena*, p. 148.

tanto Nolasco se debruça sobre e *a partir*. No plano das idiossincrasias biográficas implicadas no fazer (des)(anti)poético do escritor, trazemos à voga o (des)poema “Para compor uma biografia” (*Pântano*) a fim de evocarmos algumas grafias do seu *bios* sul-*fronterizo* de homem-fronteira:

Passei grande parte de minha infância,  
antes de ir para a escola na cidade,  
indo e voltando a Pedro Juan Caballero, acompanhando meus pais  
que para ali iam fazer suas compras no exterior.  
No trajeto, passávamos por um lugarejo  
denominado de Sanga Puytá.  
Pra ser sincero, naquela época nem achava o nome do lugarejo  
tão bonito.  
Hoje, o lugarejo e o nome, atravessados por minha memória quase  
nostálgica,  
fazem parte de uma parte de minha vida, cuja biografia não escrita  
um dia terá que contemplar, sob pena de ficar incompleta. Entre  
esse intervalo de tempo  
de quase quarenta anos, para minha alegria descobri e li várias vezes  
o conto "Sanga Puytã", de Guimarães Rosa. Apenas muito mais  
tarde em minha vida  
fui descobrir, para minha alegria, que Rosa havia passado por ali.  
Trago amalgamados em meu coração o lugar, o nome do lugar e o  
desejo de um encontro impossível.<sup>25</sup>

247

Calcados na citação acima, entendemos que Nolasco leva à exaustão e, ao mesmo tempo, avança o formulado pelo intelectual argentino Ricardo Piglia no que concerne à ideia de que o crítico escreve sua vida quando pensa estar escrevendo suas leituras, esse, por sua vez, reconstrói sua própria existência no interior dos textos que lê formulando uma autobiografia ideológica, teórica, política e cultural escre(vi)vendo *a partir* de um espaço preciso e de uma posição concreta<sup>26</sup>. No plano do arquivo biográfico-*fronterizo* do (des)poeta, tal qual descortinado pelo fragmento supracitado, há a transfiguração da ideia de *leituras* em grafias-narrativas-*fronterizas*, haja vista que a ideia de *textos* deslindada por Piglia se transforma em indícios de um *bios* da exterioridade permeado por infâncias, escolas, cidades, portunhóis selvagens, lugarejos subalternos, memórias

---

<sup>25</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 23.

<sup>26</sup> PIGLIA. *O laboratório do escritor*, p. 70-71.

marginais, biografias, literaturas brasileiras e memórias quase melancólicas de um passado presentificado pela chancela da (des)(anti)poética fronteira aqui posta em cena. Ademais a isso, Nolasco, de maneira consciente ou não, carrega em sua experiência sul-latina, o ideário de Juliano Garcia Pessanha de que livros não são compostos apenas por outros livros, para além, endossam-se de encontros com lugares, doenças, pessoas atravessadas por verdades, sendo essas, somadas aos seus lugares de pertencimento, *livros não escritos*<sup>27</sup>.

Assim, à maneira de Pessanha, não há como formularmos a bibliografia de Nolasco apenas assentados nas obras que o (des)poeta, professor universitário e intelectual sul-fronteiriço elegeu e leu, mas, sim, voltarmos-nos, *pari passu*, aos *bios* e *loci* que o tocaram ao longo de sua vida<sup>28</sup> enquanto um agente de formulação para as questões da exterioridades que o (des)poeta considera mais importantes e que, por sua vez, foram desconsideradas pelos críticos/poetas dos centros permeados pelo legado coloniais-imperialistas do lado mais escuro da modernidade. Isso posto, no poema “Memória” (*Pântano*), Nolasco explicita que, ao abrir seu arquivo cultural, quer fazê-lo sem medo em direção ao que se pode encontrar dentro dele<sup>29</sup>. Nas vísceras desse arquivo *outro*, descortina-se o canto descolonial de um indivíduo *sul-fronterizo* buscando, pela égide de sua literatura marginal, reencontrar-se com seu eu da exterioridade, ao passo que, no meio do caminho, deslindam-se grafias-narrativas de um *anthropos* tornado desconhecido pelas garras da matriz colonial de poder que insiste em imperar nos trópicos latinos, brasileiros e, especialmente, sul-mato-grossenses:

[...] Também quero abrir meu arquivo cultural hoje sem medo do que posso encontrar dentro dele. E assim o faço nessa tarde ensolarada de domingo no campo: para minha surpresa, encontro uma binga de papai, trazida por mim de Arequipa. Uma tesoura extraviada de mamãe, com a qual ela passou a vida inteira cortando seu cabelo escondido de papai. Um cartão-postal enviado por meu irmão mais velho, de Londres, para todos da família. Uma boneca de plástico azul e outra laranja, ganhadas por minhas irmãs mais velhas de quando nossos pais iam para a cidade distante longe. Uma fotografia escolar minha, tirada quando eu tinha nove anos. Encontrei também meu exemplar preferido de *A paixão segundo G.H.*, de Clarice.

---

<sup>27</sup> PESSANHA. *Instabilidade perpétua*, p. 287.

<sup>28</sup> PESSANHA. *Instabilidade perpétua*, p. 287.

<sup>29</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 35.

Uma versão em portunhol de *O Aleph*, de Borges, feita por mim como exercício da língua. A versão definitiva e ignorada de meu livro *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*. Uma carta enviada de longe de um amor que me traiu. [...] Não se passaram quase quarenta anos em vão. Qualquer história, por mais insignificante que seja, tem uma hora em que parece não caber nela mesma de alegria. Tive a minha vida, pensei, antes de cerrar meu arquivo do mal.<sup>30</sup>

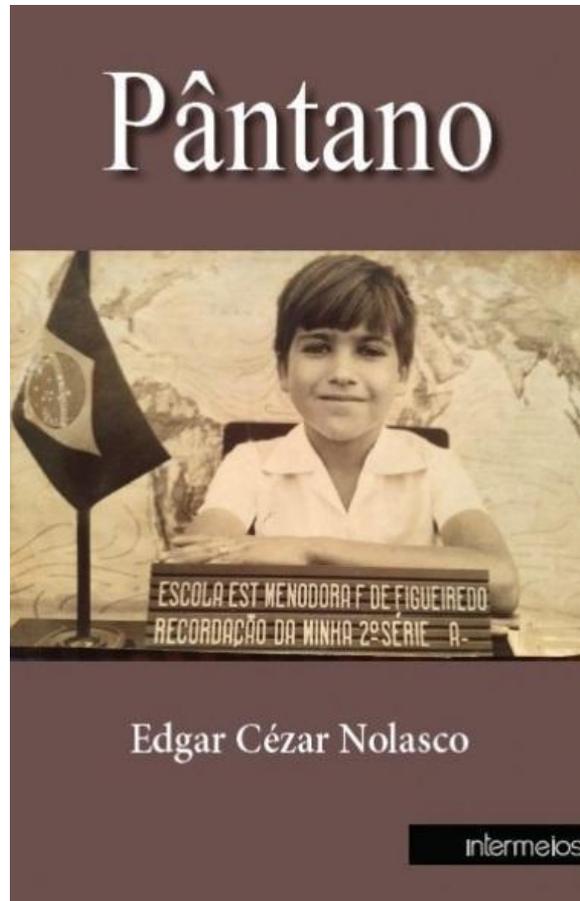
Ao abrir seu arquivo cultural hoje, Nolasco se vê frente a objetos pessoais permeados por grafias e experiências familiares dotadas de sensibilidades e de narrativas *outras*, desconsideradas pela *episteme* moderna. Dentre esses objetos, o (des)poeta evoca uma binga paterna, uma tesoura materna, um cartão-postal enviado por seu irmão mais velho, bonecas de plástico de suas irmãs, uma fotografia de tempos distantes, exemplares de obras eleitas e herdadas de seus escritores preferidos, uma versão de seu livro teórico *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza* e a carta de um amor traidor. Nesse plasmar biográfico, Eneida Maria de Souza nos é necessária para compreendermos, na contracorrente dos saberes disciplinares modernos, que *os objetos são altamente contaminados por memórias e (de)marcam traços e marcas do passado*<sup>31</sup>, uma vez que “[...] muitas vezes triviais [...] adquirem vida própria ao serem incorporados à sua biografia [...]”<sup>32</sup>. Ironicamente, ou não, a fotografia de Nolasco aos nove anos trazida à tona na abertura desse arquivo biográfico-sul-fronterizo estampa a capa de *Pântano* (Figura 1) ou, em outras palavras, a obra que dá início à trilogia (des)poética-epistemológica discutida nessa resenha quase ensaísta:

---

<sup>30</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 35, grifos do autor.

<sup>31</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 43.

<sup>32</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 41.



250

**FIGURA 1:** O (des)(anti)poeta Edgar Cézar Nolasco aos nove anos de idade e, *pari passu*, a capa do livro *Pântano*.

**FONTE:** <https://redeintermeios.com/livros-intermeios/104-pantano-9788564586918.html>.

Corroborado pelo exposto e ainda no plano da abertura arquivística cultural do (des)poeta da fronteira, debruçamo-nos sobre o último (des)poema selecionado por nós de *Pântano* intitulado “Suas ficções, minhas ficções”. No texto em questão, Nolasco traz à tona de maneira mais específica sua veia literária de professor universitário das Letras e, ao mesmo tempo, de leitor daqueles escritores eleitos e herdados para comporem a plêiade de amigos e espectros arraigados em suas práticas tanto epistemológicas quanto (des)poéticas. Dentre os literatos, evoca-se Clarice Lispector, a grande paixão literária do (des)poeta, uma vez esse

dedicou grande parte de sua carreira acadêmica (Mestrado e Doutorado) a estudá-la e a tentar compreendê-la, Virginia Woolf, Jorge Luis Borges e Silviano Santiago – em relação ao mineiro, na posição de professor e orientador, Nolasco transferiu a nós, Dênis e Pedro, sua admiração fazendo com que nos predisuséssemos a pesquisá-lo pela insígnia de “objeto de pesquisa” desde a graduação até a pós. Ademais aos escritores mencionados, o sul-mato-grossense traz à baila, também, Walter Mignolo e Eneida Maria de Souza, intelectuais responsáveis por ajudá-lo a pensar melhor não só sua condição de fronteiridade, mas, sobremaneira, o Brasil, a América Latina e as produções emergentes desses *loci outros*:

Apesar de ter nascido na fronteira-sul, dediquei grande parte de meu tempo aos estudos das Letras na cidade. Gastei noites inteiras na tentativa vã de compreender a obra de Clarice Lispector. Apesar da vontade, nunca cheguei a desistir da empreitada, quase sempre solitária; às vezes temerária. [...] Me tornei vassalo da obra clariciana. Foi por esse tempo que descobri a obra monumental da escritora inglesa Virginia Woolf [...] Mais tarde me tornei escravo da obra de Borges e até hoje nunca pude dimensionar o poder que ela exerce sobre a minha mente. O estilo ensaístico de suas *ficções* me incomoda até o cansaço. *Suas ficções, minhas ficções*. [...] comecei a ler Silviano Santiago. [...] Silviano, Walter Mignolo e Eneida Maria de Souza, entre outros, eu os leio cada vez mais e para a vida intelectual. E tenho acreditado, sinceramente, que eles possam me ajudar em minha batalha por pensar melhor *a partir da* fronteira, meu berço da civilização *fronteriza*. *O pântano é dentro e fora de mim!*<sup>33</sup>

251

No prisma desses que colaboram para que Nolasco se muna e pense melhor *a partir da* sua fronteira-sul atravessado pelo *Pântano* que é dentro e fora de si, em *Oráculo da fronteira* o (des)poeta, pela égide do seu canto descolonial, evoca a figura de um deus subalterno compreendido enquanto “[...] aquela figura que vive dentro da floresta da fronteira-sul, cuja função ancestral é guardas as leis que regem o povo e o lugar fronteiriço.”<sup>34</sup>, ademais, “[O deus subalterno] aparece logo pela manhã, ainda quando o orvalho está no macegal, ou às dezessete horas e trinta minutos quando o urutau canta na aroeira do outro lado da fronteira.”<sup>35</sup>. Dadas as citações supracitadas, entrevemos que não só deus subalterno – grafado

---

<sup>33</sup> NOLASCO. *Pântano*, p. 105, grifos do autor.

<sup>34</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 25.

<sup>35</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 25.

pelo (anti)poeta em minúsculo – aparece como figura (anti)poética de Nolasco, mas, para além dele, adentramos as particularidades *bios*-locais da imagem do pássaro urutau que singulariza essa paisagem *bios*geográfica *outra* habitando, tal qual o deus subalterno, a floresta do fronteira-sul permeada pelas existências periférico-marginais e pelos gritos de libertação dos *oprimidos pero no vencidos*, cantados em *Pântano*.

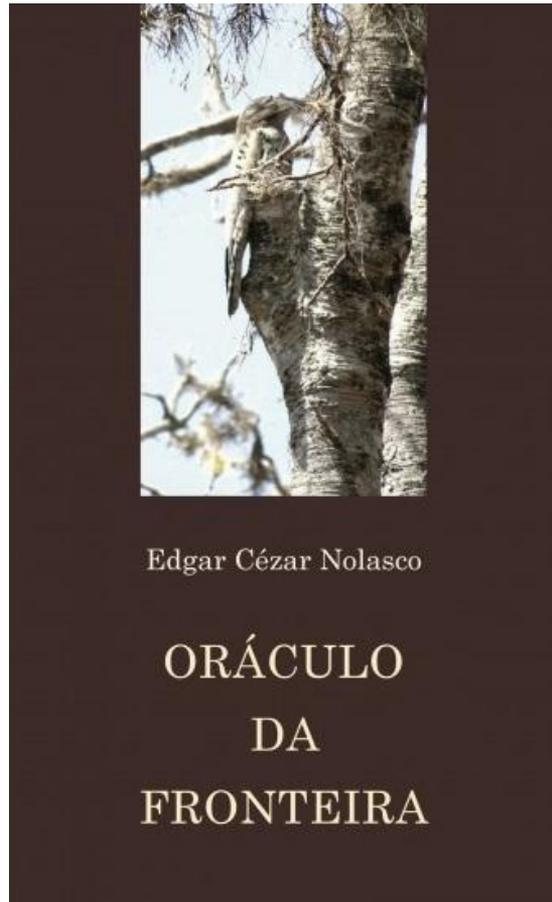
Assim, no poema que dá título ao livro, “Oráculo da fronteira”, Nolasco interroga ao deus subalterno *o que a fronteira vale do seu outro lado?*<sup>36</sup> A resposta, por sua vez, prefigura-se como enigma para o (des)poeta tomado um desejo de fronteiridade lido enquanto extensão do seu próprio corpo e da sua condição de homem que nasceu e viveu nesse lugar posto no arrabalde do mundo. No que concerne a esse espaço *outra*, de exterioridade por excelência, a *episteme* moderna e a poésis clássica não dispenderam seus preciosos tempos para escutá-lo destituídas de preconceitos, exotismos e/ou sentimentos de superioridade, pelo contrário, aferiram-lhe insígnias de marginalidade reafirmando cada vez mais suas supostas superioridades de grandes centros em detrimento aos *loci* descentralizados e, por extensão, tornados discursivo-narratologicamente periféricos. Frente a isso, evocamos o poema-título citado, bem como a capa de *Oráculo da fronteira* estampada pela fotografia do urutau da fronteira-sul (Figura 2):

O fato de eu ter nascido e vivido na zona de fronteira até aos nove anos e de depois eu retornar para lá todos os finais de semana, já estudando na cidade, e de continuar indo ainda hoje, mesmo que muito mais esporadicamente, me dá a condição de continuar a perguntar a um deus bugre subalterno o que a fronteira vale do seu outro lado? Se a resposta continua um enigma para mim, mesmo passados quase quarenta anos de quando a fiz pela primeira vez, meu desejo, como extensão da minha condição de homem que nasceu e viveu naquele lugar, me permite imaginar respostas mais convincentes para a compreensão de minha relação com o meu *bios* histórico, familiar e cultural. [...] hoje, a mesma fronteira de minha vida não deixou de ser territorial, mas também não tem como eu a vê-la quase que tão somente epistemológica. [...] Se a fronteira-sul é porosa para as histórias e memórias locais que gravitam em seu entorno, minha vontade de contorná-la vai até aonde consigo administrar meu medo de homem-fronteira. [...] Entre parado e perdido dentro de uma tarde nos arrabaldes do Sul labiríntico que faz a minha vida, e sem me esquecer

---

<sup>36</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 12.

da condição de sujeito atravessado, busco refazer esse *atravessamento biográfico* da fronteira como forma de aprender a contornar o medo que me faz.<sup>37</sup>



253

**FIGURA 2:** Capa da obra *Oráculo da fronteira* explicitada pela imagem do urutau, ave singular da fronteira-sul.

**FONTE:** <https://redeintermeios.com/destaque/220-oraculo-da-fronteira-9788584991181.html>.

Assim sendo, por vias do plasmar do poema citado entremeadado pela imagem do urutau na capa de *Oráculo da fronteira*, compreendemos que a relação de Nolasco com seu próprio *bios* se gesta por perspectivas históricas, familiares e

---

<sup>37</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 12, grifos do autor.

culturais, à maneira da abertura do seu arquivo, também, biográfico, por excelência. Nesse ínterim, aquilatado por grafias e narrativas oriundas da fronteira-sul, não haveria outro *modus operandi e vivendi* do (des)poeta senão entrever sua fronteira enquanto lócus geográfico, mas, sobretudo, epistemológico em que se roçam e se atravessam saberes, sensibilidades, artes, literaturas, sensibilidades, afetos, faltas, ausências, lacunas, presenças e Revoltas. Isso porque a fronteira-sul *é porosa para as histórias e memórias locais que gravitam em seu entorno*<sup>38</sup> aquilatando a vontade de que o (anti)poeta (des)conhecido a contorne indo até *onde consiga administrar seu medo de homem-fronteira*<sup>39</sup>. Dessa forma, *aprendendo a desaprender*, Nolasco angaria uma forma de refazer seu *atravessamento biográfico*<sup>40</sup> composto por fronteiridades a fim de se (re)encontrar consigo contornando o medo que habitar e (sobre)viver na borda da exterioridade lhe incute. No bojo dessa acepção, em “Poema político, por que não?” (*Oráculo da fronteira*), o (anti)poeta reafirma: “A fronteira é meu máximo”<sup>41</sup>, coadunando, com tal prerrogativa, o exposto em “Política local”:

O poeta subalterno da fronteira-Sul reconhece e rechaça a política do poeta do centro e já pensou na possibilidade de pôr pra correr o poeta ocidental. Já o poeta nacional do centro não descarta a chance de ocupar o lugar do poeta universal e repetir sua poética nos grandes centros do país e periferias afora. Que o poeta do centro almeje tal feito é academicamente compreensível pela tradição poética e política nacional. Agora que o poeta da fronteira-Sul quisesse incorporar em sua poética bugresca a poética dos dois seria simplesmente incompreensível. Compete a ele não ignorar as demais poéticas, mas daí a repeti-las nos trópicos sulistas seria um disparate poético. Em todo caso, não faz parte da boa política do poeta subalterno deixar o poeta ocidental achar que continua a *tirar ouro do nariz*, nem muito menos que ainda pode falar por toda a antipoética subalterna. Nem muito menos deixar que os poetas modernos dos grandes centros do país e do mundo continuem a ditar o modo poético que deve ser seguido por todos os demais poetas desse país abissal.<sup>42</sup>

254

---

<sup>38</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 12.

<sup>39</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 12.

<sup>40</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 12.

<sup>41</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 88.

<sup>42</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 36, grifos do autor.

No (des)poema aposto, Nolasco não apenas encena, mais uma vez, suas particularidades *bios*-locais da exterioridade, mas, ao mesmo tempo, incute uma crítica àqueles que desejam se integrar ou se assimilar às instituições dos projetos coloniais-imperialistas possivelmente como uma forma de se distanciar (?) da condição de *anthropos* (im)posta por esses mesmos modernos a quem se busca aprovação e/ou legitimação. Pelo contrário, a condição *sine qua non* da (anti)(des)poética é justamente reconhecer e rechaçar a política local daqueles sedentos por serem tolerados ou mesmo aceitos, à revelia, pelos que se (auto)denominaram universais excluindo, por consequência, todas as muitas outras experiências, (des)poésis, literaturas, saberes, sensibilidades e *loci* aportados nas bordas e nas margens do planeta globalizado, imperialista e (neo)colonial.

Portanto, a saída de caráter epistemológico encontrada por Nolasco seria não ignorar as demais poéticas, contudo, tal opção não implica, necessariamente, repeti-las, uma vez que isso caracterizaria um disparate por parte dos habitantes das exterioridades. Nas entrelinhas do (anti)poeta, da nossa óptica, prefiguram-se a opção descolonial e a desobediência epistêmica como formas de prezar, em especial, pelas vidas, saberes e produções artísticas que habitam os *loci* periféricos e marginais dos *anthropos* desconsiderados pelos grandes centros mundiais, econômicos, geopolíticos, acadêmicos e literários. Em “Balbucio do oráculo”, o (anti)poeta explicita como é fazer poesia a partir do que ele conclama de *cu do mundo*<sup>43</sup>:

Fazer poesia a partir do cu do mundo é uma saída estratégica poética e epistemologicamente de apresentar ao outro que o poeta da fronteira-Sul também pode andar por suas próprias pernas.

A poética subalterna exuma para o presente aquelas lições poéticas e históricas locais que ficaram durante anos amalgamadas nos *loci* das margens da América Platina e na escuridão.

A poética da fronteira burla a rigidez imposta pela poética moderna que ainda grassa nos trópicos.

A zona fronteira é o lugar por excelência para o labor de uma poética que emergem de uma força original e de sombra úmida de escuridão capaz de causar desconforto a qualquer poética vinda de longe.

[...]

---

<sup>43</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 62.

A poética da fronteira é uma ação poético-política capaz de dessubalternizar os sujeitos e suas respectivas histórias, por meio de sua prática descolonial da poética e da política modernas que ainda grassam no mundo moderno.

Uma poética de fronteira escuta a fronteira do lado de dentro e do lado de fora, acompanha o movimento incerto de seu corpo movediço e as histórias locais que dele se despregam.

[...]

O *fazer teórico* de uma poética de fronteira está por ser construído por intelectuais bárbaros e selvagens que não medem esforços para reconhecer pessoalmente as histórias dos povos fronteiriços, dos ameríndios, além das dos maias, incas e astecas. Quero entender que, a partir da fronteira, o papel do poeta fronteiriço é *desreprimir, desoprimir e desumilhar* as poéticas subalternas que foram rasuradas em prol de uma rima massacrante, dissonante e oca.<sup>44</sup>

*Fazer poesia a partir do cu do mundo é uma saída estratégica poética e epistemologicamente de apresentar ao outro que o poeta da fronteira-Sul também pode andar com suas próprias pernas.* Posta essa premissa, Nolasco reafirma em *Oráculo da fronteira*, como feito em *Pântano*, a (auto)reflexividade epistemológica que abaliza suas (des)poesias nutridas por sua *persona* não apenas (anti)poeta, mas, sobremaneira, intelectual e crítica biográfica fronteiriça pensando à luz das margens do planeta, e, em especial, do Brasil em relação aos eixos nacionais de produção do saber e da literatura. Há, dessa feita, uma dupla significação de *cu do mundo* incutida no discurso do (des)poeta, uma vez que esse pensa e escre(vi)ve não apenas *a partir da* periferia do planeta, mas, *pari passu*, *a partir da* borda do território nacional que o atravessa enquanto brasileiro.

Aportando-se contra essa dupla marginalização, Nolasco reitera que a sua (des)poética subalterna, no seio de sua presentificação, exuma as lições poéticas e históricas locais que foram obscuridades nas margens da América Platina ao mesmo tempo em que burla as fronteiras disciplinares e poéticas (im)postas pela poesis moderno-clássica que ainda insiste em se perpetuar nos trópicos, em específico, por críticos e escritores que angariam se integrar às vicissitudes da modernidade colonial. Contra isso, o sul-mato-grossense projeta sua (anti)poética da fronteira como uma possibilidade de dessubalternizar não apenas si mesmo, mas os sujeitos da exterioridade e suas experiências por vias de práticas descoloniais que escutam a fronteira de ambos os lados *desreprimindo e*

---

<sup>44</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 62, grifos do autor.

*desumilhando*<sup>45</sup> aqueles que foram tornados *anthropos* pela chancela dos conhecimentos e das literaturas dos *humanitas*. Em “Minha explicação”, Nolasco assente:

Drummond que me perdoe, mas meu verso não é, nunca foi e nem nunca será minha cachaça.

[...]

Apesar do meu verso nunca me agradar, ele me dá um retrato fidedigno de meu *bios*, de meu lócus, da paisagem sanguinolenta da fronteira-Sul onde nasci, principalmente, quando, numa tarde de outono de outrora, dobrava a curva da ilha abandonada da fazenda Revolta montado no lombo do meu cavalo.

Quando a sombra da mata da fronteira avançava para o lado de cá e muito perto se escutava o canto desesperado do urutau deserdado, eu voltava para casa tomado de uma alegria que parecia que ia sair pela boca afora.

[...]

Se tem um legado que não poderei negar ao meu poema são minhas sensibilidades biográficas e locais que resultam em minha formação identitária de homem-da-fronteira (Arre, cruz-credo, por pouco não disse poeta).

Cuidado, se me tomar como poeta, corre-se o risco de não escutar o balbucio de um deus subalterno que mina e contamina por dentro do verbo *pós-verso*.<sup>46</sup>

Isso posto, compreendemos que Nolasco, atravessado pelas reflexões do intelectual uruguaio Hugo Achugar em *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura* (2006), traz à tona o balbucio do deus subalterno sul-fronteiriço, ao passo que, de maneira simultânea, explicita o legado de suas sensibilidades biográficas e locais incrustado em seu corpo de homem-da-fronteira resultante de uma formação identitária *outra*, não considerada pela matriz colonial de poder relegada a repetir exaustivamente a subjetividade pseudo-universal do centro sobreposta aos demasiados aforas existentes em um mundo abissal dividido por linhas que só fizeram separar os outros dos si-mesmos *sub judice* das diferenças coloniais. Agradando o (des)poeta, ou não, a (anti)poíesis de Nolasco, à maneira de Borges, traceja o rosto de seu *escre(vi)vedor* perlaborando um mapa biográfico particular oriundo da paisagem sanguinolenta da fronteira-sul onde o urutau balbucia melancólico-desesperadamente sem ser ouvido.

---

<sup>45</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 62.

<sup>46</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 49, grifos do autor.

Assim, o (anti)poeta escreve sua história trazendo dela a terra sanguinolenta e o sol crepuscular sul-fronteiriços das palavras que emergem de si mesmo e do balbucio do urutau contaminado pelo grito desesperado dos *oprimidos pero no vencidos* que continuam a re-existir arraigados cada vez mais às suas sensibilidades e histórias locais dotadas de fronteiridades. À revelia do que comumente se tem feito no Brasil colonial-imperialista, Nolasco *escreve para achar um Sul para sua vida*<sup>47</sup>. Dada essa assertiva e nos encaminhando para os dois últimos poemas selecionados por nós de *Oráculo da fronteira*, reproduziremos a seguir “Biografia da fronteira” e “Meu Norte é o Sul” a fim de reiterarmos, ainda, as grafias-narrativas apostas nos meandros da fronteira-sul, bem como a opção *outra* deslindada pelo (des)poeta ao escolher a descolonialidade como *modus operandi e vivendi* de desobediência aos legados coloniais-imperialistas que insistem em se perpetuar nas bordas das exterioridades:

A fronteira-sul é o sintoma de minha poesia.

A planície é a extensão de meu corpo.

A Revolta é meu arquivo poético que vela as sensibilidades locais e biográficas de um homem-poeta que sabe que vai morrer (quando a tarde declinar para a melancolia do crepúsculo oscilante da fronteira).

Desenhei um (ovo) e escrevi ao lado *entender é a prova do erro*. A origem das coisas não precisa ser entendida. A da poesia também não. A Natureza existe para ser sentida. Não por acaso que *sentido é* a palavra que mais gosto. Tanto que ela me enlouqueceu na busca de uma aprendizagem de desaprendizagem do sentido das palavras.

Escrevi uma (fronteira) na *letra* e nomeei abaixo biografia do poeta fronteiriço.<sup>48</sup>

Escrevo para achar um Sul para a minha vida. Desde quando nasci, caminho em direção à fronteira-sul. Minha travessia vem acompanhada pelo canto desolado do urutau do outro lado da fronteira.

*Viver-entre-fronteiras*, viver do lado de cá da fronteira-sul, ou, mais precisamente, viver por muito tempo à beira do rio. Dourados na Revolta, em terras herdadas pela família, narcotizou em mim a sensação de estar sempre na condição de estar fora do lugar.<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 78.

<sup>48</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 70, grifos do autor.

<sup>49</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 78, grifos do autor.

*A fronteira-sul é o sintoma de minha poesia, a planície é a extensão de meu corpo, escrevi uma fronteira na letra e nomeei abaixo biografia do poeta fronteiriço.* À vista disso, entrevemos que a fronteira-sul na (anti)(des)poética de Nolasco se prefigura não apenas enquanto lugar de existência, pensamento, escrita e enunciação, mas, para além disso, ela se roça à vida do (des)poeta a tal ponto que as diferenciações entre *bios* e lócus se esfacelam esboroando os limites entre a biografia da fronteira-sul e a (auto)biografia do poeta-homem-fronteira. Simbioticamente, Nolasco se transfigura na fronteira ao mesmo tempo em que essa se transforma no (des)poeta atravessado pelo grito e pelo balbucio de libertação descolonial daqueles muitos que se encontram vulnerabilizados e silenciados pelo canto das *belle lettres* e pela *episteme* moderna colonial. Na contracorrente das normativas disciplinares e territorialistas, o (anti)poeta sul-fronteiriço não angaria de maneira alguma encontrar um Norte para sua vida, pelo pluriverso, deseja um Sul, metafórico-geopolítico, caminhando cada vez mais em direção à fronteira-sul por vias de uma travessia entremeada por terras sanguinolentas, sóis crepusculares, deuses subalternos e cantos desolados do urutau que aqui re-existe.

À semelhança de um *pharmakon*, a fronteira, na trilogia (des)poética e no fazer crítico de Nolasco, é, concomitantemente, remédio e veneno, uma vez que *narcotizou em si a sensação de estar sempre na condição de fora do lugar*<sup>50</sup>. Todavia, *aprendendo a desaprender* na busca de uma *aprendizagem de desaprendizagem do sentido das palavras*<sup>51</sup>, o (des)poeta, intelectual descolonial, servidor público, professor universitário e orientador enxergou que não haveria outra saída (des)poética-epistemológica senão se embeber desse *pharmakon* outro, dotado de fronteiridade, como *modus operandi e vivendi* de encontrar seu lugar de pertencimento justamente nas bordas longínquas das exterioridades locais, geopolíticas, sensíveis, disciplinares, filosóficas, epistemológicas, artísticas e literárias.

Se tal qual como lemos na orelha de *Oráculo da fronteira*, que nele já não existe mais a linha tênue que separa o *bios* da ficção, por estar rasurada pela inter-relação entre o *bios* e o lócus, em *A ignorância da revolta*, livro que fecha a

---

<sup>50</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 78.

<sup>51</sup> NOLASCO. *Oráculo da fronteira*, p. 78.

trilogia (des)poética de Edgar Nolasco, temos um mergulho por meio da inscrição de seu *bios* e de suas sensibilidades biogeográficas *desnudando* angústias, sofrimentos, infortúnios e preocupações do serviço público, e de uma forma que aparece muito latente, a perda do pai. Ao iniciar com o poema homônimo ao livro, Nolasco, para tratar da biografia, apresenta a explanação realizada em uma aula de Teoria da Literatura sobre o livro *Ignorância do sempre* (2000) lançando mão de uma metáfora em que o autor do livro em questão, o filósofo Juliano Garcia Pessanha, compara a aranha ao homem, “se a aranha tece a teia o homem tece biografia”<sup>52</sup>. Falando sobre o filósofo, lemos nesse mesmo poema:

O autor pensa o Dentro junto do Fora, e vice-versa, e nesse interstício entre um e outro desenha-se *o lugar do homem*. Quanto a mim, penso na exterioridade, do “outro lado da linha”, ou melhor da fronteira, mais precisamente para aquele lugar situado que se apresenta na pergunta do poeta Mahmud Darwich: “Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?” Não me predisponho a pensar apenas na exterioridade; antes, quero e de pensar *a partir dela*.

A exterioridade dormita na ignorância da universalidade do dentro. Meu verso é minha *travessia* em direção à exterioridade fronteira que me habita. Na aula, eu só objetivo levar meus alunos a pensar – e aqui, agora, estou olhando para a escuridão que me rodeia. Mas busco o clarão do dia e do pensamento que ainda não conheço. Aprendi que faz parte da minha teia biográfica estar aqui hoje, ser professor de Teoria, e ter chegado a esse livro de Pessanha, estar com ele em minhas mãos – tudo isso faz parte do que sou. Meus sentimentos, meus dizeres, minhas sensibilidades biográficas e locais contornam o centro da vida que me faz ser essa pessoa e não outra. Afinal, “estamos imersos no tempo biográfico, é nele que moramos, mas o nosso tempo biográfico está imerso no tempo histórico”, repito o poeta como se eu estivesse descobrindo o que eu já sabia agora: *eu habito a fronteira e a fronteira habita em mim*. E na rachadura desse talhão biográfico eu construo um modo de pensar a partir da exterioridade.<sup>53</sup>

Para nós, é nítido o exercício de teorização crítico-biográfica fronteira já no início do livro, uma vez que, ao trazer Pessanha para introduzir sua (des)poética, Nolasco insere pontos essenciais para seu intento. A teia biográfica, portanto, é tecida por sensibilidades *biogeográficas*, como aquilo que está dentro e fora simultaneamente, acontecimentos externos, bem como as leituras feitas e as reflexões interiorizadas a partir dessas leituras. Em um movimento de

---

<sup>52</sup> PESSANHA *apud* NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 12.

<sup>53</sup> NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 12-13, grifos do autor.

incorporação entre divíduos/aliados, “esse ser-um-no-outro, esse dois em um”<sup>54</sup>, deslinda-se um movimento simbiótico que Pessanha descreve como espaço íntimo fugindo da maneira como o pensamento moderno, ao longo de seu desenvolvimento, aquilatou em sua metodologia a gramática sujeito-objeto. A esse respeito, Pessanha aponta que “a gramática sujeito-objeto, herdeira da metafísica grega da substância, impede que se nomeie o espaço íntimo.”<sup>55</sup> Nesse viés, Nolasco, tratando da fronteira, aponta:

A fronteira é meu lócus biográfico.  
A fronteira é dentro e fora de min.  
Durante a tarde eu contorno minha angústia. Apesar disso, sinto, mas não posso escrever minha dor.  
Eu me aconteço na fronteira, incluindo seu dentro e seu fora, mas sobretudo sua borda rendada e porosa (enjoei da metafísica)<sup>56</sup>

Nolasco inferindo a fronteira como um lócus biográfico a estabelece pela égide de um local do dentro e do fora, sendo tão viva/pujante em seu *bios* e, por sua vez, lugar onde ele mesmo se acontece, diferentemente da visão ocidentalista/moderna que aferiu a condição de centro para a cabeça pensante, sendo essa a única capaz de produzir epistemologicamente. O (des)poeta aponta, ainda, para seu lócus biográfico enquanto *borda rendada e porosa*, “lugar territorial onde o sol se põe por sobre a fronteira”<sup>57</sup>. Tal pôr do sol sanguinolento, com sua coloração avermelhada, passando do amarelo ao laranja, estampa a capa de *A ignorância da revolta*, como podemos ver na Figura 2 – “Capa da obra *A ignorância da revolta* explicitada pela imagem com cores do pôr de Sol da fronteira-sul” reproduzida a seguir:

261

---

<sup>54</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 110.

<sup>55</sup> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 110.

<sup>56</sup> NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 81.

<sup>57</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 99.



262

**FIGURA 3:** Capa da obra *A ignorância da revolta* explicitada pela imagem com cores do pôr do Sol da fronteira-sul.

**FONTE:** <https://redeintermeios.com/destaque/265-a-ignorancia-da-revolta-9788584991723.html>.

O pôr do sol estampado na capa de *A ignorância da revolta*, tal qual vemos na Figura 3, demonstra a singularidade como a própria fronteira influenciando *pari passu* a isso o *bios* daqueles que habitam este lócus da exterioridade. Nas palavras de Nolasco: “Se a teoria é meu sintoma, a fronteira-sul é o meu lugar [...] Eu a

habito. Assim como a planície, ela é extensão de meu corpo. Meu lugar é a coisa mais real que existe.”<sup>58</sup> Escre(vi)ve-se a partir das vivências, das reflexões aferidas a partir de acontecimentos ou mesmo angariadas por leituras e discussões, e mesmo dos impactos e marcas que o lócus impacta naqueles que ali se encontram. Nolasco ressalta no trecho a seguir:

Queria que meus discípulos entendessem que às vezes nossa história pessoal podemos ser revelada a partir de um livro; outras vezes, é-nos revelada a partir de nossas histórias locais, de nossa vivência na fronteira-sul; em meu caso, também a partir da Revolta. Insistia eu até a exaustão que a fronteira-sul, a planície pantanosa e até mesmo o cerrado do Oeste influenciaram diretamente nossa formação e, por conseguinte, em nosso modo de teorização.<sup>59</sup>

Dado o (des)poema acima, entrevemos a essência do professor que exaure suas forças a fim de que seus alunos, no caso aqui os seus discípulos, condição essa a qual nos inserimos como já exposto, possam evidenciar e, assim também, buscar uma reflexão a partir da crítica biográfica fronteira inserindo cada um(a) seu próprio *bios* na prática epistemológico-conceitual. Também é notável a sua inscrição apontando para seu lócus enunciativo que o teórico deixa bem destacado como a sua Revolta, fazenda onde ele se reconhece desde o nascimento, e onde até hoje ele enxerga marcas, histórias e memórias. Exercício (des)poético e teorização se fundem como podemos notar também no seguinte fragmento:

A paisagem da fronteira-sul é a morada da minha ignorância. Quando a vejo suspensa sobre o pântano, ou sobre a fronteira mesma, sei que nenhum clarão de quaisquer saberes vindos de longe pode irromper aquela cosmologia do lugar eivada de matizes nativos, sombrios e sanguinolentos onde abundam guavirais e pés de abóbora entrelaçados sobre a guaxuma da Revolta. De quando em quando, um urutau corta o breu paralisado da noite sobre o pântano para se refugiar nos paus secos do outro lado da fronteira-sul.<sup>60</sup>

Duas palavras muito significativas compõem o título e são lidas juntas ou separadas em grande parte dos poemas, são elas “ignorância” e “revolta”. Como vimos anteriormente, o livro é introduzido por um poema homônimo ao livro e que se desenvolve a partir de uma aula em que é apresentado o livro do filósofo

---

<sup>58</sup> NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 15.

<sup>59</sup> NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 17.

<sup>60</sup> NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 21.

Juliano Pessanha, intitulado *Ignorância do sempre* (2000). À vista disso e da citação supracitada, aponta-se para a condição de exterioridade condicionada pelo pensamento moderno/colonial/eurocêntrico que cria as dicotomias centro/exterioridade, dentro/fora e, assim, acaba por estabelecer os espaços a partir dos quais se erige pensamentos científicos validados/desvalidados ou até mesmo poesia/não-poesia. O lócus fronteiro é assim visto como local próprio da ignorância, máxima que só é possível de se romper por uma visada descolonial. Já sobre a questão da Revolta/revolta, Nolasco discorre em uma nota: “A Revolta é o destino do poeta da fronteira-sul”<sup>61</sup>. Nesse ínterim, o (des)poeta complementa:

Revolta aqui tem por base dois sentidos: no sentido de teimar, de desobedecer, diante de tudo e de todos que acham que podem *pensar* pelo *outro* (outro com letra minúscula mesmo, por se tratar do *outro* da diferença colonial, aquele nunca contemplado pela história, pelo discurso e pela letra vindos de longe). O poeta fronteiro como aquele que teima, que desobedece diante de todas normas cultas vigentes impostas pelas línguas e discursos itinerantes migrados dos grandes centros do país e do mundo. O outro sentido da palavra Revolta tem um sentido de fundo mais biográfico: por se tratar das terras da Revolta, lugar onde nasci, cresci e para onde acabei voltando trinta anos depois, terras que ao leste esbarravam no Porto Cambira, ao Sul eram banhadas pelas águas turvas do rio Dourados, a Oeste pelo chaco paraguaio e pelo pôr do sol sanguinolento, cuja paisagem era completada por um pântano vermelho suspenso e um urutau cuja vida fora devotada a um único galho seco, e ao Norte pelo portão de madeira de lei da Revolta que continua a ranger diante da tapera vazia.<sup>62</sup>

A nota explicativa citada explicita a dupla noção empregada pelo (des)poeta em sua obra e deixa nítido também o caráter pedagógico que ambos os sentidos têm para seu intento. No primeiro sentido, ressalta-se a visada descolonial da palavra revolta, abrindo possibilidades para reflexões descoloniais atravessadas pelas conceituações de Walter Mignolo sobre um pensamento *outro*. Já no segundo uso da palavra Revolta, Nolasco a utiliza enquanto nome próprio ao remetê-la ao seu biolócus (*bios* + lócus) ressaltando o caráter *biogeográfico* no qual se assenta para escre(vi)ver. Novamente, em concomitância, o autor trabalha a questão teórica e (des)poética permeadas pelas visadas descoloniais e biográficas. Dessa maneira, o (des)poeta descortina *modus operandi* de como

---

<sup>61</sup> NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 27.

<sup>62</sup> NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 27-28, grifos do autor.

descolonizar por meio de uma prática *outra* enquanto expressão artístico-literária, no caso aqui específico, em (des)poemas *fronterizos*:

A planície, o pântano e a curva que o rio faz nas terras da Revolta estão encrustados na formação da minha história, estão na origem de meu *bios* de homem fronteira e prepararam o lócus para o nascimento da poesia fronteiriça. No outono, a falta de um motivo, uma situação ou um fato que fosse para terminar o poema que começara no ano passado fez-me que eu rasgasse e jogasse fora tudo que escreverá (até aqui) e fosse tomar café na cozinha. Depois de consumir com o manuscrito, para meu desgosto ainda encontrei estes versos esporádicos (anotados nas bordas das páginas de *O Aleph*, de Borges)<sup>63</sup>.

Nolasco se insere em sua (des)poética aglutinando seu lócus e *bios* de forma que seus (des)poemas incorporem conceituações e teorizações que se confluem com suas sensibilidades e histórias atravessadas também por seu cotidiano de professor universitário. Isso se perfaz por grafias (des)poéticas que tornam impossível de se cravar uma certeza sobre até onde vai o *bios* e o ficcional. Com isso, deixa-se para o leitor que, a partir de sua própria reflexão, leia o trecho como uma falta de inspiração momentânea ou se o autor está sendo de certa forma debochado. Além disso o autor impele uma carga biográfica com intensidade que permeia desde o início ao fim com sua poesia teorizada, ou como pensamos aqui, com sua (des)poética vivida e sentida a partir de seu *bios* e de seu lócus produzindo uma reflexão descolonial, por excelência. A obra por meio de suas articulações que versam sobre o conhecimento e a ignorância, o dito e o interdito, o centro e a fronteira, apregoa seu intento de estabelecer por meio de sua (des)poética um exercício prático do recurso teórico de *aprender a desaprender para reaprender*:

Minha *herida aberta* poética sangra, dói e escorre campo afora. Sem conseguir me movimentar, pensar ou morrer sequer, balbucio minha voz gutural que ninguém escutaria. A falta do canto do urutau me devolve um silêncio para o qual ainda vou nascer

Ocupado em teorizar e comparar tudo e todos (devido minha formação profissional), esqueci de arrolar meu *bios* na interioridade de meu pensamento, deixando-a na exterioridade de meu corpo, ficando *bios* e corpo suspensos na escuridão da

---

<sup>63</sup> NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 30, grifos do autor.

fronteira-sul. Quanto mais eu teorizava e comparava, mais eu me traia. Hoje não me traio mais: *sei de onde penso o meu verso e o meu corpo*.<sup>64</sup>

Ao final do livro, como epílogo, Nolasco traz um poema como forma de dar um adeus ao pai que morreria ainda quando alguns dos (des)poemas eram criados, a inserção dos sentimentos e o contato com a morte dão uma intensidade a vários (des)poemas que são dedicados ao pai. Na quarta e última parte intitulada “O lugar do poeta”, que apresenta o poema de onde extraímos o trecho da citação acima e que recebeu o título de exterioridades, o (des)poeta evoca referências à *herida aberta*, termo utilizado pela teórica mexicana Gloria Anzaldúa em *The borderlands/la frontera*, trazendo por vias de um tom quase íntimo a ideia de que na teorização o pesquisador ou teórico precisa de sua inserção, isso é, munir-se do seu próprio *bios*.

À vista de encaminharmos nossas considerações finais de forma a evidenciar a trilogia (des)poética de Edgar Cézar Nolasco, *Pântano*, *Oráculo da fronteira* e *A ignorância da revolta*, entrevemos ser possível aferir que ao erigir uma (des)poética pautada em uma opção descolonial, o teórico da fronteira-sul assenta suas obras em uma teorização que, na esteira de Walter Mignolo, busca pensar *a partir de* uma perspectiva *outra*. Nolasco, portanto, vai além do que o pensamento moderno cristalizou como maneira de se pensar científico-poeticamente se pautando em suas próprias sensibilidades *biogeográficas pari passu* ao seu lócus fronteiriço. Por fim, inferimos que ao nos debruçarmos sobre a produção (des)poética de Edgar Cézar Nolasco, podemos evidenciar a relevância de se buscar formas *outras* de se erigir reflexões epistemológicas e grafias (des)poéticas que se pautem em uma opção fronteiriça angariando a urgência e a necessidade *de se aprender a desaprender para assim reaprender de um modo outro*.

266

## REFERÊNCIAS

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Fronteira, biografia – biogeografias – como episteme descolonial para (trans)bordar corpos em artes da cena. Disponível em:

---

<sup>64</sup> NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 104.

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8648471>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

MENESES, Maria Paula. SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-27.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Disponível em: <[http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2020.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selvaje da crítica fronteiriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013.

NOLASCO, Edgar César. *Pântano*. São Paulo: Intermeios, 2014.

NOLASCO, Edgar César. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia). In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Brasil/Paraguai/Bolívia*. v. 7, n. 14. Campo Grande: Editora UFMS, 2015, p. 47-63.

NOLASCO, Edgar César. *O oráculo da fronteira*. São Paulo: Intermeios, 2018.

NOLASCO, Edgar César. *A ignorância da revolta*. São Paulo: Intermeios, 2019.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Instabilidade perpétua*. In: PESSANHA, Juliano Garcia. *Testemunho transiente*, São Paulo: SESI-SP Editora, 2018, p. 211-289.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: UBU Editora, 2018.

PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Editora Iluminuras, 1994.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Artigo Recebido em: 09 de setembro 2020.

Artigo Aprovado em: 05 de dezembro de 2020

